



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO MUSICAL DAS CRIANÇAS
PEQUENAS**

Josyllene Viana Pereira da Silva

BRASÍLIA
2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Josyllene Viana Pereira da Silva

**REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO MUSICAL DAS CRIANÇAS
PEQUENAS**

Orientadora: Prof^ª PhD Patricia Lima Martins Pederiva

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Brasília

2016

Josyllene Viana Pereira da Silva

Matrícula 14/0023712

**REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO MUSICAL DAS CRIANÇAS
PEQUENAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Comissão Examinadora:

Profª PhD Patrícia Lima Martins Pederiva (Orientadora)

Departamento de Métodos e Técnicas FE UnB

Profª Ms. Andréia Pereira de Araújo Martinez

Secretaria de Educação do Distrito Federal/SEDF/PPGE FE UnB

Profª Mestranda Carla Patrícia Carvalho Amorim

Instituto Batucar/ PPGE FE UnB

Ms. Roberto Ricardo Santos de Amorim

Instituto Batucar

Brasília, 09 de dezembro de 2016.

SILVA, Josyllene V. P.

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO MUSICAL DAS CRIANÇAS PEQUENAS/ Josyllene Viana Pereira da Silva, 2016.

35 f.: il.

Orientadora: Prof^a PhD Patrícia Lima Martins Pederiva

Trabalho de Conclusão de Curso/ Faculdade de Educação, Universidade de Brasília/UnB, 2016.

1. Educação Musical; 2. Crianças pequenas; 3. Experiência; 4. Educador; 5. Pedagógico Musical.

Dedico este trabalho aos que, valorizam a infância e acreditam no ensino da música
pela música.
Ao meu esposo Kelvin Dias, por acreditar e sonhar junto comigo.

AGRADECIMENTOS

Vivo hoje uma realidade que parece um sonho, mas foi preciso muita determinação, paciência, perseverança, para chegar até aqui, e chegar até aqui não seria possível sozinha. Faltam-me palavras para expressar a gratidão a todos àqueles que colaboraram para que este sonho pudesse ser concretizado.

Grata a Deus pelo dom da vida, pelo seu amor infinito, sem Ele nada sou. Agradeço aos meus pais, José e Gizélia. Obrigada por cada incentivo e pelas orações em meu favor.

Ao meu Esposo Kelvin Dias, que é meu exemplo de pessoa e um grande músico. Obrigada pela paciência, pelos sorrisos, por cada abraço, pela mão que sempre se estende quando eu preciso e por cada orientação e conselhos. Esta caminhada não seria a mesma sem você.

À minha irmã, Jozinete, por todo amor, carinho e cuidado. Por cada olhar e abraços que me trouxeram forças e me faziam crer em mim mesma.

À Patrícia Marques, por cada conselho, direcionamento, broncas e total apoio. Este trabalho não seria a mesma coisa sem suas palavras de incentivo.

À professora Patrícia Pederiva que mesmo sem perceber me ajudou de uma grande maneira, não só como futura pedagoga, mas como pessoa, que me incentivou direta e indiretamente, me ajudou a sair de uma gaiola na qual me via presa, hoje acredito mais em mim e devo isso a ela e seus Mestrandos, em especial Dani, Tati e Patrícia Amorim. Agradecer mais ainda à Patrícia Pederiva que com muita paciência e atenção, dedicou do seu valioso tempo para me orientar em cada passo deste trabalho.

Aos professores da Faculdade de Educação – UnB pela contribuição na minha vida acadêmica e por tanta influência na minha futura vida profissional.

Aos meus colegas de curso, em especial Sabrina, a quem aprendi a amar e construir laços eternos. Aos colegas da turma de Fundamentos da Linguagem Musical na Educação Infantil (1º/2016). Obrigada por todos os momentos em que fomos estudiosos, brincalhões, músicos e cúmplices.

Aos meus amigos por todo apoio e cumplicidade. Porque mesmo quando distantes, estavam presentes em minha vida.

Obrigada a todos que, mesmo não estando citados aqui, tanto contribuíram para a conclusão desta etapa e para a Educadora que sou hoje.

RESUMO

O presente ensaio apresenta reflexões a respeito de como a educação musical tem sido pensada para crianças pequenas, o trabalho inicialmente trará um breve histórico da Educação Musical se tornando institucionalizada aqui no Brasil.

Os questionamentos se deram por meio da minha experiência como estagiária em uma Instituição de Ensino Privada, após meses na instituição e acompanhando de perto as aulas de música, percebi que algumas práticas docentes poderiam não ser adequadas para crianças de 3 a 6 anos, por isso espera-se que este trabalho contribua para reflexões positivas a respeito da Educação Musical para o desenvolvimento musical das crianças.

Palavras-chaves: Educação Musical. Crianças pequenas. Experiência. Educador. Pedagógico Musical.

ABSTRACT

This essay reflects on how music education has been designed for young children. It begins with a brief history of the institutionalization of Music Education in Brazil.

The questions herein were raised by my experience as an intern in a private school. After months in the institution, while closely following the music classes, I realized that some teaching practices might not be suitable for children from 3 to 6 years old. My hope is that this work contributes positive criticism and useful reflections on Music Education for the development of musicality in children.

Keywords: Musical education, young children, experience, educator, musical pedagogy.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Jesuítas.....	13
FIGURA 2	“Olha a leveza da criança”.....	23

SUMÁRIO

Memorial e Introdução.....	12
Viagem no tempo com a Educação Musical.....	15
A música atualmente nas Escolas Educação Básica.....	21
A Leveza da Criança.....	24
A Criança e a música.....	25
Reflexões sobre as práticas musicais nos espaços de séries iniciais.....	27
Considerações finais e Perspectivas Futuras.....	33

Memorial/ Introdução

O ensino de música está presente nas escolas públicas e privadas e, ao observar algumas aulas, é notória a alegria das crianças quando chega o horário de “aprender música”. As crianças são criativas e curiosas, gostam do que é novo, de aprender brincando e, sendo mais objetiva em relação à idade, muitas crianças de até 6 anos de idade aprendem melhor dessa forma. Posso dizer que sou um exemplo disso.

Minha história em relação ao ensino de música começa desde muito cedo, quando tinha entre um e três anos de idade, quando eu morava com meus pais e duas irmãs em uma casa pequena na Samambaia Sul. Eu sempre brincava com a música, cantarolava por todos os cantos e meu pai sempre me incentivava, ao ponto de comprar um karaokê e microfone de brinquedo.

Mesmo pequena, percebia-me como um ser musical e a música ajudava-me a ser mais extrovertida, apesar de não ter tido a oportunidade de ter aulas de música na época. Eu era uma criança livre, mas, alguns fatores durante a minha infância (1-6 anos) tiraram tal liberdade de mim, como que roubassem os meus sonhos (sim, mesmo sendo criança tinha vários sonhos, vários pensamentos e me recordo deles).

Nas escolas de séries iniciais nas quais estudei, eu era sempre podada, toda minha criatividade e paixão pela arte e até mesmo pela escola (que desde pequena gostava de ser "a professora" em brincadeiras) foram deixadas de lado, juntamente com os comentários dos coleguinhas e de alguns educadores, que sempre repreendiam quando eu chegava com algum desenho novo, cantarolava pela sala, ou simplesmente, por brincar com os lápis e, muitas vezes até, deixando em evidência para todos os colegas o que eu não conseguia fazer direito. Com isso, tornei-me muita quieta. Os colegas não brincavam comigo e eu me distanciava pela timidez. Eu fazia todas as atividades em sala, mas só por obrigação, sempre com medo de errar e, se eu tivesse dúvida em alguma coisa, ninguém poderia saber. Isso refletiu muito na minha vida pessoal. A minha pré-escola deixou marcas que se desenvolveram, tornando-se um dos fatores que contribuíram para que toda a liberdade de expressão fosse arrancada de mim.

Meus pais separaram-se quando eu tinha seis anos, minha irmã mais velha sempre foi como uma mãe para mim, sempre cuidadosa e incentivadora, e hoje em dia me diz o quanto eu vivia falando que queria tocar todos os instrumentos musicais possíveis.

Com tudo isso acontecendo, mudei de escola, e fui estudar em uma instituição pública de ensino, a E.C 43, no Setor P.Sul, onde eu comecei a sonhar de novo. Minha prima era a professora da 1ª série e, com ela renasceu o amor pela escola, pelos estudos, a vontade de ser professora. Aprendi a ler nesse período, comecei a voltar a ser criança e ela era capaz de escutar o que eu dizia, admirava o que eu sabia fazer e quando eu não sabia, ensinava-me.

Cresci com o rótulo da dificuldade de aprender. De alguma forma, procurei alcançar os meus sonhos com o objetivo de ajudar outras crianças que, assim como, tem dificuldades. Hoje estou na UnB, e isso é realização de um sonho. Os meus maiores sonhos são: ser educadora e tocar violino, sendo que os dois estão em construção.

Nas escolas existem diversos tipos de crianças, cada uma com um jeito de ser, com uma história, com uma vivência, com suas experiências, mas todas necessitam de um olhar diferenciado, do olhar ajudador e incentivador. Demorei muito tempo para encontrar esse encorajamento em uma escola. Encontrei esse olhar no meu 1º ano, no meu ensino médio e na UnB, Patrícia Pederiva, onde vi que ainda sou um ser musical e que posso ser a incentivadora de alguém. Meus sonhos adormecidos acordaram e por este motivo aqui estou, escrevendo minha monografia.

A grande questão que percebi no decorrer de toda a minha trajetória em todas as escolas em que passei, privada ou pública, vi o ensino de música servir de suporte para outra disciplina e até mesmo sendo utilizada somente como forma de entreter em datas comemorativas e recreações. Como citei no início, as crianças amam aprender matemática, português ou até mesmo as partes do corpo humano brincando, aprender cantando, mas o questionamento é: porque não ensinar música em sua totalidade, como disciplina numa perspectiva pedagógica voltada para o desenvolvimento musical infantil? Quais são as aprendizagens que podem ocorrer em uma aula de educação musical para a educação infantil?

Em razão disso, busco entender a maneira em que a música é ensinada nas escolas e trazer o entendimento, até mesmo um alerta de que o ensino de Música nas séries iniciais é realmente importante e pode contribuir não só para formação musical dos Educandos, mas também proporciona transformação ao ambiente de ensino. Segundo Vigotski,

[...] a arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, [...] é um meio de

equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida (VIGOTSKI, 1999, p. 328-329).

A música é uma linguagem artística, dessa forma considero importante que ela esteja presente no ambiente escolar em sua totalidade, compreendo que na escola o papel do Ensino de Música não tem o objetivo de formar músicos profissionais, mas assim, também, como não é o objetivo da matemática formar “matemáticos”, acredito que a Educação Musical tem a sua importância e muito a contribuir com a expressividade e relações interpessoais.

Visto que a música na educação de crianças pequenas tem sido utilizada de maneira limitada e imitativa. Percebendo também, que há a necessidade de mais investimentos na formação de pedagogos que decidem estar na área docente como educadores musicais. O objetivo do presente ensaio é refletir sobre como a educação musical tem sido pensada para a criança.

Desta forma, o trabalho está estruturado da seguinte maneira, no primeiro momento trás um breve histórico da educação musical aqui no Brasil, logo depois, reflexões sobre a relação da criança com a música e sobre as práticas musicais nos espaços escolares de séries iniciais dialogando com alguns autores e finalizando com a conclusão e as perspectivas futuras. A observação de experiências em relação à atividade musical foi utilizada como instrumento metodológico.

Viagem no tempo com a Educação Musical

Neste primeiro momento o trabalho trará um breve histórico a respeito da educação musical que ao longo da história brasileira esteve inserida no contexto escolar em diversas situações e de diferentes modos.

A música está inserida na cultura ao longo dos tempos como prática social. Entretanto, mesmo quando presente nas legislações e práticas educativas, o ensino de música não tinha como objetivo principal o desenvolvimento musical dos Educandos.

No período da colonização do Brasil, após sua chegada em 1549, os jesuítas tiveram participação na formação da educação institucionalizada. Segundo Andrea Martinez (2013) a Companhia de Jesus realizou esse trabalho para a Igreja Católica e a Coroa Portuguesa tendo como principal objetivo disseminar a palavra de Cristo entre os pagãos e também, a colonização dos nativos.

Figura 1 - Jesuítas.



Fonte: educacao.uol

Com a Reforma Protestante a Igreja Católica estava em momento de perda. Os jesuítas perceberam que através da música o convencimento dos indígenas se tornava mais eficaz. Martinez (2013) esclarece que até o momento, foram criadas escolas que ofereciam conhecimentos básicos para as crianças nativas, ler e escrever, pois, com a chegada do homem europeu, as crianças eram levadas as escolas para aprender com os Jesuítas a nova língua, uma nova cultura.

Os Colonos vinham para o Brasil exploravam a terra, mas com o passar do tempo, surgiu à necessidade de povoamento efetivo, fazendo-se necessário oferecer educação para os filhos dos Colonos. As crianças eram vistas como facilitadoras do acesso ao adulto, pois para os jesuítas, elas tinham mais facilidades em aprender o novo, e por isso, a companhia de Jesus concentravam-se nas crianças com o objetivo de atrair os gentios e as riquezas da colônia. Surgindo depois ensinamentos mais avançados para os filhos dos Colonos, criaram os colégios, que se tornaram os principais estabelecimentos jesuíticos no Brasil, os colégios se localizavam nos centros urbanos e segundo Marcos Holler (2010) os colégios da companhia de Jesus eram praticamente a única possibilidade de ensino superior, que era também, exclusiva para aqueles que optariam por ingressar no exército sacerdotal, da classe dominante e branca.

A partir de 1599 a atuação dos jesuítas era subordinada ao documento que estabelecia a metodologia, o currículo e administração do sistema de educação da companhia. O documento *Ratio Studiorum* era uma junção de regras para direcionar as atividades educativas em todos os lugares que eles atuavam. A educação se tornou rígida, a disciplina era cobrada. O documento seguia os princípios da escolástica, rigor metodológico, ordenação de conteúdo, práticas exaustivas e averiguações de aprendizagem.

No documento não havia nada escrito sobre o ensino de música, mas segundo o autor Marcos Holler (2007), o Padre Loyola em 1539 proibiu o uso do canto e do órgão durante cerimônias sacras e missas, em 1550 o uso da prática musical nas igrejas chamava atenção dos fiéis, o que acabou fazendo com que fosse excluída a proibição nas igrejas. Em 1547 o Padre Loyola trouxe novas proibições musicais aos jesuítas, mas segundo Holler a proibição à prática musical não era algo que fazia por gosto musical:

Os motivos para as restrições à música tinham um fundo prático: desde sua criação, um aspecto importante da Companhia de Jesus era o que chamavam de “cuidado dos bens espirituais”, ou seja, as atividades como catequese, pregação, confissão, comunhão e administração de sacramentos e a atuação junto ao povo, através da educação e obras assistenciais. Segundo Loyola, a música absorveria os padres e tiraria sua atenção do trabalho cotidiano. O próprio texto das Constituições deixa claro que haveria lugares de sobra para os que desejassem ouvir música em um ofício, mas “aos nossos, porém,

convém que tratem do que é mais próprio à nossa vocação para a glória de Deus” (Holler, 2007, sine die)

O Papa Paulo IV foi nomeado em 1555. Após a morte de Loyola em 1556, o padre Diego Lainez foi eleito Superior da Companhia de Jesus. Em 1558, o Papa Paulo IV advertiu o padre Lainez acerca da restrição à música, surgindo assim, novas alterações, a Companhia de Jesus a instituir o canto/coro em suas práticas. Mesmo após a morte de Inácio de Loyola, a prática musical na Companhia de Jesus era bastante limitada (MARTINEZ, 2013, p.36).

Existem registros da prática musical entre os jesuítas, mas nas aldeias e não habitualmente nos colégios. Em 1559 após ter instruído a companhia sobre o uso do coro, o Papa Paulo IV faleceu. Nos séculos seguintes, proibições à prática musical se tornaram constantes, quando acontecia em meio à população urbana, a prática musical deveria ser realizada por externos e não pela Companhia, até mesmo o ensino de música era realizado por terceiros e não por padres.

Nas aldeias eram os próprios jesuítas que ensinavam e as restrições não eram seguidas regularmente, pois a realidade dos nativos era outra, logo os jesuítas perceberam que o uso de música como prática educativa era facilitadora do processo de catequização e colonização, a música foi estratégia eficaz com os índios, principalmente por decorrência da grande relação que eles já tinham com a música. Os jesuítas traduziam canções religiosas para a língua brasileira e as ensinavam aos índios, com a intenção de seduzi-los utilizavam instrumentos indígenas e melodias. Holler (2010) afirma que no Brasil os instrumentos teriam sido substituídos por modelos europeus, com isso a música europeia passou a se destacar e dominar a música nativa, fazendo com que a música natural e espontânea dos nativos fosse ofuscada perdendo suas próprias características.

A atuação dos jesuítas e a relação com a música como prática de ensino tinha função de catequizar crianças nativas, alcançando assim, os adultos através delas. O intuito da Igreja Católica era converter o índio à fé católica, e também colonizá-lo, com isso essa forma de educação tinha como interesse impor a cultura do colonizador e desconsiderar a cultura dos colonizados. Segundo Andréia Martinez (2013) a intenção da Coroa Portuguesa era a alienação e acomodação da população no período colonial no Brasil. A coroa Portuguesa e a igreja católica trabalhavam, juntos com tais objetivos.

No século XVI os jesuítas criaram onze colégios e seis seminários no Brasil. A partir do século XVIII o ensino escolar passou a ser responsabilidade da Coroa Portuguesa

por consequência da Reforma de Pombal. Os jesuítas foram expulsos do Brasil em 1759 por Marquês de Pombal.

Sebastião José de Carvalho e Melo conhecido como Marquês de Pombal teve a preocupação de modernizar a administração pública, econômicas, culturais e educacionais da sociedade portuguesa. Foram praticamente dois séculos de domínio do método educacional jesuítico, com a expulsão dos jesuítas a educação escolar brasileira sofreu uma desarticulação, a educação passou para as mãos do estado da Coroa Portuguesa, saindo das mãos da Igreja Católica, a preocupação nesse período era de fiscalização para disciplinar, pregava a obediência à Coroa. Na administração de Pombal, houve a tentativa de atribuir todos os males da educação à Companhia de Jesus.

Martinez (2013) afirma que Pombal ao expulsar os jesuítas não reformou o sistema de ensino, mas simplesmente o destruiu. As propostas de Pombal não foram implantadas de fato, o que ocasionou no período de decadência, alguns motivos para a falta de êxito da reforma Pombal foram à escassez de verbas, as condições ruins de funcionamento, a insuficiência de professores, baixos salários e não havia a preocupação em investir muito na educação da colônia, já que o Brasil ainda era colônia portuguesa a independência era uma possibilidade que começava a ser cogitada, e não investir na educação poderia inviabilizar as ideias de luta pela independência. Em 1760 ocorreu o primeiro concurso para professores, mesmo com o número de escolas reduzido e a educação para poucos, ainda não havia sido nomeado nenhum professor.

Em 1808 chega ao Brasil aproximadamente 15mil pessoas, intelectuais e artistas, o que instigou o desenvolvimento de um processo de modernização, possibilitando assim o surgimento de algumas instituições culturais, mas mesmo diante de tanta inovação cultural, não havia o ensino de música nas escolas, o que provocou a proliferação de professores particulares (MARTINEZ, 2013). O ensino particular de música, em casas de famílias ricas, durou muitas décadas e continuou disseminando a cultura europeia, não havia espaço para a diversidade cultural nas escolas, pois era buscado um padrão e a base era a cultura europeia.

Com a independência do Brasil que ocorreu em 1822 percebeu-se que a necessidade de um número maior de escolas e mais abrangência na formação dos professores. Com isso, em 1835 foi criada em Niterói a primeira Escola Normal e a partir de 1847 ela passou a proporcionar uma formação mais diversificada aos futuros professores, foram inclusas novas disciplinas em seu currículo, entre elas a música. A música passou a fazer parte do currículo da escola pública por meio das escolas normais,

a música nessas escolas tinha o intuito de disciplinar, notamos que mais uma vez o ensino da música tinha interesses do estado, interesse disciplinar, moralizar e transmitir valores e através da educação manter a ordem.

De acordo com Martinez (2013), é possível verificar alguns decretos educacionais que faziam referência ao ensino de música nas escolas, por exemplo, o decreto 630, artigo 6º de 1851 previa que o ensino deveria ter música e ensino de canto. Após a Proclamação da República em 1890 houve o decreto 981, o ensino de música nesse período tinha a função de cultivar a técnica musical e preparar futuros músicos com o interesse de permanecer com a tradição europeia.

Com o Movimento Escola Nova em 1920, começaram a organizar congressos e conferências em prol da educação, movimento que lutou pela educação, pregava que a escola deveria ser organizada pensando na igualdade que asseguraria uma educação igual para todos, já que nesse período as escolas eram poucas e o ensino de música era destinado aos poucos que poderiam estudar. O ensino de música não deveria ser para alguns que “tinham talento”, mas ser acessível a todos (MARTINEZ, 2013).

A Semana de Arte Moderna em 1922 mostrou o quanto o europeu influenciava a arte do Brasil. Por meio de Mário de Andrade no final de 1928 surgiu o Nacionalismo, que buscava o resgate das raízes da cultura brasileira, Mário de Andrade acreditava que a arte fosse uma ferramenta de grande utilidade para a sociedade (MARTINEZ,2013).

Após a Revolução de 1930, de acordo com Martinez (2013), Getúlio Vargas assumiu a Presidência da república, no mesmo período Villa Lobos tinha o objetivo de reconstrução do ensino de música, mantendo o pensamento de resgate da música brasileira e socialização entre os estudantes. Em 1931 Villa Lobos se tornou diretor do ensino artístico do Rio de Janeiro, o Maestro Villa Lobos apresentou um documento informando a importância da música como propaganda do Brasil para o exterior. Villa Lobos tinha como meta instituir o canto orfeônico nas escolas de ensino primário, secundário e normal. O canto orfeônico era a prática do canto coletivo.

Villa Lobos em 1933 se tornou superintendente de educação musical, com a finalidade de orientar e planejar o ensino de música nas instituições escolares, com isso percebeu-se a necessidade de oferecer formação musical a todos os professores, analisando essa necessidade fundou o Conservatório Nacional do Canto Orfeônico em 1943.

Surgiu o Movimento da Criatividade entre 1950 e 1960 que não exigia dos professores conhecimento específico em música. O Movimento visava a criação e

experimentação, buscava o respeito à liberdade de expressão de cada pessoa. O ensino de música nesse período contribuía para a democratização do ensino acessível a todos, levando em conta a oportunidade a todos de criar e experimentar a arte. O Movimento foi interrompido em 1964 por consequência do Regime Militar.

O Tecnicismo surgiu em 1980 e tinha como princípios a racionalidade, eficiência e produtividade. Martinez (2013) faz a comparação do trabalho pedagógico com a época dos trabalhadores nas fábricas, em seu mestrado acadêmico, esclarece que precisavam se adaptar ao processo do trabalho sempre com o objetivo de trabalhar mais rápido e diminuir o custo, faz a comparação que o trabalho pedagógico tinha como objetivo preparar as pessoas para o mercado de trabalho. A função da música nesse período também tinha o foco no trabalho e escolas buscava inserir hinos pátrios, cívicos e militares com o intuito da produtividade.

Martinez (2013), explica que em 1971 foi sancionada a Lei nº 5692 que intrigou as artes e implantou o termo “educação artística”, com isso a música permaneceu presente no currículo escolar, mas de forma indireta, não era mais uma disciplina específica ficando subordinada à educação artística. A lei não definia quais artes seriam contempladas, era uma prática que envolvia várias atividades artísticas. Como na época o foco era inserir o indivíduo no mercado de trabalho, criaram-se cursos de licenciatura curta, havendo também, o curso de educação artística e o de licenciatura plena com habilitação em música, cênicas ou artes plásticas. Nas aulas de Educação Artística as aulas eram mais recreativas e acompanhava as festividades da escola, com isso, acarretou na perda da importância da arte na escola.

A aprovação da Lei 11.769 foi e é uma grande conquista para a área de educação musical no país. A Lei determina a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica, estamos no momento do retorno da atividade musical nas instituições de ensino, devido à sua ausência por mais de trinta anos, ou acontecendo, muitas vezes, de forma precária. Há grandes desafios que precisam ser enfrentados, de fato, precisamos ter propostas pedagógicas consistentes para o ensino de música nas escolas de educação para crianças, infelizmente o que tem aparentado é que a arte perdeu seu lugar entre as disciplinas curriculares.

A Lei atual 13.278/2016 inclui artes visuais, dança, música e teatro no currículo da educação básica. A legislação já prevê que o ensino da arte, seja componente curricular obrigatório na educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Vejo a nova lei como uma conquista importante para a luta da arte educação.

A Música atualmente nas escolas de Educação Básica

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases – Lei Nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, todas as escolas de educação básica devem oferecer o ensino de música (BRASIL,2008). Embora, atualmente, a música esteja presente nas instituições de ensino, ela é muito utilizada como instrumento de ajuda às outras disciplinas e também, em outros momentos como, por exemplo, para disciplinar, na hora de formar filas, ao ensinar as partes do corpo humano, em eventos escolares e até mesmo, para solicitar o silêncio das crianças. Não se está afirmando que a música não pode estar presente nesses momentos, mas, sim, questionando-se o porquê à música não é considerada da mesma forma que outras áreas do conhecimento.

Deve ser considerado na educação escolar da mesma forma que outras áreas do conhecimento, como a matemática, a língua portuguesa, a história e etc.. Porém, por oferecer uma forma de conhecimento específico, deve ser encarado de modo organizado, coerente, que situe entre vivência, expressão e compreensão (LOUREIRO, 2003).

A música deveria estar nos currículos escolares, não apenas pelo que ela pode proporcionar emocionalmente, pois sabemos que de fato ela nos traz grandes benefícios e possibilidades para construção de conhecimento em outras áreas, mas ela deve ser ensinada nas escolas por ser parte importante na formação do indivíduo. É comum notar que a música na sala de aula está sendo utilizada para diversas coisas, inclusive para combater a exaustão de outras atividades, quando outras áreas são consideradas prioridade, mas é importante destacar que o ensino de música precisa estar presente no ensino básico para o desenvolvimento musical das pessoas.

É fácil perceber que muitas instituições e profissionais tiveram muitas dificuldades diante do desafio da obrigatoriedade do ensino de música, não sendo necessário, para isso, uma análise muito profunda, até porque, são diversos os entendimentos para poder inserir a música nas escolas de ensino básico. Para Figueiredo (2011), é preciso desconstruir diversos mitos em torno da aprendizagem e do ensino de música, como por exemplo, a questão do talento que apenas estaria disponível para alguns indivíduos e o entendimento de que a experiência musical só se concretiza e tem valor a partir do estudo de instrumentos musicais.

Desconstruir a questão do talento se torna um dos maiores desafios em relação ao assunto, todos nós temos nossas particularidades, somos diferentes uns dos outros. Não é de outra maneira com as crianças, mesmo algumas instituições tendo como meta padronizá-las. Todas têm características que as compõem nos potenciais e até mesmo nas dificuldades. Em minha opinião, perseguir algum talento como se fosse algo extraordinário, único e escondido, faz com que sejam ignoradas as pequenas descobertas de toda a vivência e acreditar que somente algumas pessoas tem o talento para a música é desconsiderar a capacidade de todos. “A musicalidade humana é um dom natural de caráter universal” (PEDERIVA, 2009, p.17).

Ao participar da disciplina Fundamentos da Linguagem Musical na Educação, com a professora Patrícia Pederiva, no curso de Pedagogia na Universidade de Brasília no 1º semestre de 2016, passei a acreditar que todos nós somos seres musicais, pessoas que já tiveram e tem vivência com a música, e que todos têm o direito de desenvolver a sua musicalidade. Tudo precisa ser considerado, o precioso, o grandioso e tudo aquilo que já está ali e também, o que está em volta de cada pessoa. O educador não pode estar comparando os alunos e acabar perdendo de vista aquilo que é essencial nos estudantes e até nele mesmo.

Muitos profissionais no ensino de música nas escolas acabam pensando em um método de ensino mais tradicional, como, o ensino de música que focaliza a formação do instrumentista, reproduzidor de um repertório, e isso, de fato pode interferir em como o ensino musical será na instituição de ensino básico, se limitado ou não. Infelizmente, com esse pensamento alguns professores educam as crianças somente para realizar aquilo que eles reproduzem, optam por colocar um padrão de ensino, e não voltam o olhar para as diferenças de cada criança, esquecendo-se muitas vezes que elas são seres de criação, e que aprendem de diversas formas, cada uma diferente da outra. Alguns aprendem melhor ao visualizar, outros aprendem melhor com cores, desenhos, brincando e até mesmo no sentir ou tocar um instrumento da maneira que ele mesmo achar correto. O papel da instituição de ensino não é descartar e julgar os educandos como “adequados ou não”, rotulando aqueles que não se adaptam ao ensino como “crianças problemas” os excluindo, caso não respondam conforme o esperado. Educadores não podem esquecer que as crianças precisam ser crianças, é preciso momento para imaginação e criação, não somente de regras. A instituição de ensino precisa ser além de tudo incentivadora e encorajadora.

Segundo Rubem Alves (2004):

Há escolas que são como asas

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Criar e imaginar faz parte do processo de desenvolvimento do ser humano, “o homem necessita do ato de criação para continuar seu desenvolvimento em sociedade” (TIMM, 2013, p.17). Foi criado um mito de que a imaginação é algo distante da realidade, mas a verdade a imaginação precisa das experiências para acontecer. A educação musical é uma prática que não deve ser excluída. De acordo com Vigotski:

Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela. [...] Quando acompanhamos a história das grandes invenções, das grandes descobertas, quase sempre é possível notar que elas surgiram como resultado de uma imensa experiência anterior acumulada. A imaginação origina-se exatamente desse acúmulo de experiência. Sendo as demais circunstâncias as mesmas, quanto mais rica é a experiência, mais rica deve ser também a imaginação (VIGOTSKI, 2009, p.22).

Conforme a citação de Vigotski entende que a imaginação depende da experiência, quanto mais ricas em variedades forem às experiências, mais possibilidade de combinação terá nossa criatividade. É preciso saber também que a brincadeira precisa estar presente no contexto escolar, sem esquecer que as crianças precisam ser crianças, e que elas precisam fazer parte do processo, sentir que elas estão fazendo música, sentirem-se inteiras no processo musical, se divertindo e ao mesmo tempo aprendendo. Com essa proposta saliento a importância do olhar do educador voltado para o educando, quando realmente nos damos à oportunidade de conhecer o outro encontramos juntos a melhor forma de acrescentar ao desenvolvimento musical e pessoal, criando assim novos

pensamentos, tirando os rótulos de ser apenas um ser que aprende, mas voltando o foco para uma criança que tem uma vivência, dentro e fora da escola. Nós como seres sociais precisamos sempre um dos outros. As experiências relatadas ampliam nossa própria experiência ao imaginarmos o que nos foi relatado.

Com todas as reflexões feitas, entendo que a valorização da experiência do aluno é essencial e tem o seu papel importante na educação. A presença do ensino de música nas instituições de ensino tem o seu valor e precisa estar ao alcance de todos. O ensino de música não deve excluir a criação e a imaginação, mas sim oferecer várias possibilidades de experiências.

A leveza da Criança

“Pra você sorrir
Olha a leveza da criança
Sem a certeza ri e dança
Quanta beleza há na confiança
Às vezes só nos falta um pouco de humor
Às vezes só nos falta pôr mais amor”

Marcela Taís

Precisamos voltar o nosso olhar para as crianças, não só pela leveza e pelas coisas incríveis que fazem, não só ao ditar o que elas podem brincar ou não, ou determinando um prazo de validade para este brincar. Para sorrir mais, precisamos do olhar atento aos detalhes que nos são proporcionados.

Lino (2010), diz e acredita que os mundos musicais da infância são muito ricos. São várias realidades sonoras e por isso há a necessidade dos professores valorizarem esses mundos. As crianças adquirem habilidades musicais através das experiências adquiridas e por serem indivíduos observadores dos detalhes e criativos são inúmeras experiências que cada uma carrega.

Figura 2 - Olha a leveza da criança.



Fonte: blog lucianamachado

A Criança e a música

A música está presente na vida de um indivíduo desde sua vida intrauterina quando percebem os sons ao seu redor e dentro do seu “mundinho”, como, as palavras, melodias, as batidas do coração da mamãe, os sons da digestão, movimentos musculares, ruídos, estômago e intestinos que produzem inúmeros sons, tudo se torna música. É necessário compreender e apropriar-se do modo como as crianças vivem sua cultura e ignorá-las implica a projeção de preconceitos e distorções (LINO, 2010, p.82).

Somos seres musicais desde o início, diversas pesquisas relatam que o feto humano já tem a estrutura neurofisiológica auditiva capacitada para receber estímulos sonoros no cérebro, na 8ª região cerebral, a partir da 21ª semana (não significando que antes da 21ª semana, enquanto fetos, somos insensíveis aos sons, muito pelo contrário, cientistas consideram a pele como uma extensão do ouvido durante a gestação), nós enquanto bebês ficamos imersos em líquido, e na água o som se propaga a uma velocidade bem maior do que no ar. O corpo da mãe é incrivelmente rico em estímulos sonoros!

A criança, de acordo com Maria Conceição Teixeira (2016) descobre as diferenças entre os sons desde cedo, mas para o desenvolvimento e permanência é importante permitir a exploração, dar espaço para o ouvir e o brincar, infelizmente alguns professores lidam

com o ensino de música teorizando tudo, esquecendo-se de colocar as crianças como seres participativos do processo de ensino, ao contrário de tanta teorização, as aulas podem convidar os alunos a criar e inventar, construir seus próprios instrumentos musicais, é um exemplo. As crianças aprendem e elaboram seu saber junto aos que estão por perto, elas precisam se sentir livres para explorar e observar, elas são inovadoras, é preciso permitir que criem algo com o que tiver ao redor, dando oportunidades ao aprender e ao brincar. O aprendizado não pode e não tem programação.

A educação musical para as crianças, quando ensinada em sua totalidade, valoriza a escuta e a criatividade das crianças, que ao escutar algum som, o relaciona com sua imaginação, trazendo assim oportunidade ao educador, de ensinar sobre o grave, agudo, as diferentes intensidades, utilizando até mesmo a percussão corporal. É muito fácil encontrarmos instituições que trabalham o ensino de música com exercícios silenciosos, com os desenhos de claves. Entretanto, de acordo com Schafer (1991) a criança precisa de experimentar o mundo sonoro, por exemplo, é necessário para o educador estudar e compreender a paisagem musical do mundo e os diferentes sons que nos rodeiam, imitando os sons ao nosso redor, pois, se pararmos para analisar, tudo em nossa volta tem um som, que muitas vezes parecem até mesmo com instrumentos musicais tocando uma bela canção, como, os pingos da chuva ao tocar no chão, os pássaros, o vento... Tantos sons que deixamos de observar!

Pensando e adequando a atividade musical em sala de aula as crianças ficam estimuladas a criar e imaginar, a exercitar habilidade criativa delas, que precisa ser incentivada. Não dá para imaginar o mundo sem som, até porque o silêncio é considerado elemento complementar ao som.

Para Schaffer,

[...] O silêncio é a característica mais cheia de possibilidades da música. Mesmo quando cai depois de um som, reverbera com o que foi esse som e essa reverberação continua até que outro som o desaloje ou ele se perca na memória. Logo mesmo indistintamente, o silêncio soa. [...] (Schafer, 1991, p. 71).

Isso pode explicar a facilidade que as crianças têm para aprender com situações já vivenciadas por elas, o olhar e a escuta atenta que as crianças têm. Isso é o que muitos educadores precisam descobrir “novamente” em si. É importante perceber não somente os sons dos instrumentos musicais, mas de tudo que está a nossa volta, saber reconhecer o que está escutando, e diante da importância da escuta atenta, destaco novamente que é

preciso ensinar a música pela música, pois acredito que a importância da música está em si mesma. A música quando ensinada em toda a sua essência e riqueza, nos devolve a musicalidade, que é levada para a vida toda. A criança no seu desenvolvimento vive sua musicalidade não só na infância, mas em todas as fases da vida.

(...) a educação pela música, e que consiste em transformar as crianças em indivíduos que usam os sons musicais, fazem e criam música, apreciam música e, finalmente, se expandem por meio da música (IELUSC, p.1).

Schaffer (1991) propõe a nós educadores trabalharmos com a percepção e a sensibilização, podendo também adaptar os exercícios de forma que possibilite a integração dos alunos, o educador precisa estar atento e preparado para os acontecimentos e surpresas que acontecem em sala, para o professor Schaffer, os diversos ambientes apresentam paisagens sonoras diferentes, que nos traz o sentimento do pertencer, de fazer parte daquele ambiente. Um dos elementos importantes no ensino música é a percepção auditiva, a escuta atenta. A criança precisa ser estimulada em sua criação no ensino de música, deve ser incentivada a compor, improvisar e criar a sua própria música.

Reflexão sobre as práticas musicais nos espaços escolares de séries iniciais

Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música, não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música. Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas pretas escritas sobre cinco linhas. Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas ferramentas para a produção da beleza musical. A experiência da beleza tem de vir antes.

Rubem Alves

O professor dos anos iniciais pode contribuir no desenvolvimento musical de crianças no contexto educativo, sabendo isso, durante experiências em sala de aula nas instituições de educação infantil, notei a insegurança de alguns educadores ao se depararem com o “ensinar música”, portanto, verificamos a importância de investimento na formação dos futuros pedagogos em relação ao ensino de música, é necessário que os

investimentos tenham como foco fazer com que o educador também se reconheça como um ser musical, digo isto, pois, como estudante de pedagogia, sentia falta de algo mais direcionado ao ensino de música para crianças, foi quando me encontrei na disciplina de Fundamentos da Linguagem Musical na Educação Infantil, com a Professora Patrícia Pederiva (UnB). Quando entrei no curso já tinha a certeza de que queria ensinar música com o diferencial para crianças, mas não me via capaz ao comparar os meus aprendizados com os profissionais da música, a insegurança e o não reconhecimento das minhas experiências musicais me prendiam. Vejo que há necessidade de mais investimentos nas Universidades, como a da Professora Patrícia Pederiva realizada pela Universidade de Brasília. É importante ressaltar que o investimento na formação dos pedagogos não tem o intuito de substituir os profissionais da música.

Os professores dos anos iniciais são colaboradores no desenvolvimento musical das crianças, poderia haver mais diálogo entre os dois profissionais, apesar de não estar totalmente presente em todas as instituições de ensino, existem locais que contam com o ensino de música pela música, que há uma linda interação entre o professor especialista em música e professores de séries iniciais, como, por exemplo, o Instituto Batucar, localizado na cidade do Recanto das Emas, no Distrito Federal, que foi criado em 2006. Além da educação musical, tendo como eixo a percussão corporal, a missão do Instituto é promover o empoderamento e a melhoria da qualidade de vida de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade socioeconômica. No Instituto é notória essa relação entre os educadores, todos somam juntos! Seria essencial nas escolas de anos iniciais este exemplo de interação entre os pares, não são em todas as instituições que encontramos o ensino de música repleto de troca entre pares da escola e alunos. Diante das observações feitas acima ressalto a importância do investimento na formação do “pedagógico-musical” dos estudantes de Pedagogia, principalmente os que optam pela docência, pois atuarão diariamente no desenvolvimento musical das crianças.

Os próximos parágrafos descrevem experiências vividas no contexto da educação de crianças nos anos iniciais, propondo-se a refletir sobre elas de modo crítico. Tais experiências foram vividas por mim em meu percurso no exercício da docência durante estágio em uma Instituição de Ensino privada localizada na Asa Norte, no Distrito Federal, que atende crianças desde o 4º mês de vida (berçário) até crianças de 6 anos (Jardim II), a iniciativa de trabalhar no local se deu através do meu interesse de aprender mais na prática sobre a docência, complementando ao que venho aprendendo na Universidade de Brasília durante minha graduação.

Optei pelo curso de Pedagogia com um grande desejo de ser diferente, de realmente somar na educação de crianças pequenas, ao longo da minha vivência fui conhecendo a música, e ela me envolvendo. Sinto que ao longo da vida me tornei educadora e por decisão, quero ser educadora musical para crianças, com esse pensamento entrei em sala de aula na instituição citada, era uma turma de Maternal II com crianças de 3-4 anos, no período da manhã tinham as aulas de português, matemática e artes, logo depois, o banho e almoço, no período da tarde tinham diversas atividades, natação, judô, educação física, recreação e aula de música, sendo cada uma em um dia da semana. Como estagiária no período da tarde eu ficava no auxílio das crianças com as atividades do dia, acompanhava em suas respectivas aulas e recreações, sempre auxiliando a professora da turma.

Sobre as aulas de música, ressalto que o número de alunos era bem grande. Eu tinha preestabelecidas minhas concepções sobre como ensinar música, considerava o ensino de música através das partituras essencial, pois foi a forma que aprendi, mas foi na primeira aula de música dos alunos no ano de 2014, que me deparei com crianças de 3-4 anos aprendendo com partituras, logo após uma brincadeira com música que os deixaram bem alegres. Fiquei preocupada ao ver a professora desenhando no quadro e apresentando a partitura para as crianças, ao olhar para os rostos desatentos e até mesmo assustados, por notar que eles não estavam entendendo nada, por não saber ler. Isso me deixou pensativa, é assim que as crianças de 3-4 anos deveriam aprender música? A aula começou com uma brincadeira de roda com cantigas que as crianças sabiam e gostavam, foi algo realmente contagiante, de repente foi como se tudo se tornasse extremamente difícil e a diversão fosse por água a baixo, foi a minha sensação! Imagine a delas?

As aulas foram acontecendo. O começo a professora acompanhada com um violão cantava uma canção com as crianças (era a parte de interação) e logo depois desenhava a clave e as bolinhas nas linhas que já estavam desenhadas em um quadro branco. Passei a observar a forma com que a própria professora ficava preocupada, por não perceber o resultado que esperava nas aulas, até mesmo se sentindo incapaz, pois não tinha formação em música e sim, em pedagogia, ela sabia apenas tocar violão que aprendeu em aulas de música particulares. Em alguns momentos fiquei curiosa em saber como os demais colaboradores da escola interagem e recebem a professora de música, fiquei mais atenta a esses detalhes e ao observar notei que a professora em muitos momentos ficava isolada em suas ideias, se tinha uma nova ideia e a compartilhava, não recebia um retorno positivo dos demais pares, além do mais, não notei acompanhamento no trabalho da professora,

acredito que várias condições podem explicar um pouco da insegurança da professora, além da formação em música dela ser vista como “insuficiente”, a falta de trabalho coletivo, falta de apoio pedagógico e participação nas decisões e também, o número grande de alunos, tiveram grande influência e consequência nas aulas imitativas, percebia que a educadora sabia e identificavam os problemas, poderia até saber como solucionar, mas se via incapaz de mudar a situação.

As aulas ficaram melhores quando recebemos a notícia que os alunos iriam fazer uma apresentação para o dia das mães, o tempo da aula ficou preenchido com ensaios para a apresentação da música, e assim foi durante todo ano, sempre tinha uma data comemorativa para as crianças apresentarem, as aulas de música serviram simplesmente para o ensaio das músicas e coreografias, era algo empolgante! Mas que me deixava confusa em chamar a aula de “Ensino de Música”, porque até mesmo as crianças sabiam que era a aula para o ensaio, por isso a reflexão, de como a educação musical tem sido pensada para a criança pequena.

Segundo Del Ben (2002), cada pessoa se relaciona com o mundo social de uma forma particular, de acordo com sua própria situação biográfica. Compreendo que cada professor interpreta de sua maneira o ensino de música nas escolas e o vivencia através de ações em sala de aula, mas é de grande importância ter práticas pedagógico-musicais significativas e que valorize a música como disciplina curricular. O ensino de música também é uma forma de conhecimento, também leva o aluno a pensar. Para Del Ben (2002), a aula de música não tem como função somente preparar “musiquinhas” para as apresentações, para as festividades e comemorações escolares. Nesse caso, a música teria o papel de recurso para o alcance de outros objetivos, e não promoveria resultado na relação que os alunos já tinham com a música, não seria promovida uma relação direta e aprofundada com a música e nem espaço para a exploração e imaginação. As aulas na Instituição de Ensino citada ficaram limitadas em repetições do que a professora queria, não tinham expressividade, mas mesmo as aulas sendo limitadas as crianças demonstravam que queria aprender, demonstravam alegria e disposição nos ensaios.

Para mim, o período que participei das aulas me trouxe um novo olhar e diversos questionamentos, compreendi que o foco não deveria ser em formar aquelas crianças em músicos profissionais (que é o que a maioria dos professores de música pensa, inclusive eu pensava), o que antes eu considerava educação musical já não fazia mais sentido nesse contexto educacional. Qual realmente era a melhor maneira para ser ajudadora do desenvolvimento musical de crianças de 3-4anos? Esses momentos de experiência me

levaram a refletir em outros modos de pensar a educação musical. Quem sabe aprender com as crianças não seja também uma solução? Como elas já são repletas de desejo de participar das aulas, vejo que o melhor a se fazer é estar atento em falas e ações de cada um, isso ajudaria a compreender e aprender algo que possa utilizar em sala de aula.

No primeiro semestre de 2016, alguns dos meus questionamentos foram respondidos na disciplina de Fundamentos da Linguagem Musical na Educação Infantil, com a Professora Patrícia Pederiva (UnB), logo nas primeiras aulas entendi que as crianças já aprendem música diariamente e cada um tem uma vivência musical, em cada detalhe elas percebem música e isso me levou a uma nova dúvida, se elas já aprendem música diariamente, o que fazer em sala de aula?

No decorrer da disciplina estive aprendendo a ser uma educadora musical, a professora acompanhada de seus mestrandos sempre com atividades, que no começo era até mesmo um grande desafio, mas aqueles os que entenderam, saberão criar condições de possibilidades para o desenvolvimento musical em sala de aula. Cada segunda-feira era um momento esperado, normalmente começávamos com alongamentos e exercício de percussão corporal com a Patrícia Amorim (Instituto Batucar).

Segundo Ricardo Amorim (2016):

O corpo é, ao mesmo tempo, fonte sonora e fonte criativa para a expressão da musicalidade. Quando chamamos o corpo de instrumento musical, possivelmente, estamos incluindo-o no mesmo universo dos outros instrumentos musicais, reduzindo-o, dessa maneira, a um objeto ou utensílio (Amorim, 2016, p.31)

Descobrir que meu corpo era também um instrumento, foi incrível, sempre após os alongamentos começavam as nossas atividades, cada uma com um novo aprendizado, com um novo desenvolvimento. Em vários momentos me via fazendo música, criando, imaginando e dando vida a elas, apenas com o que eu tinha ali no momento, éramos desafiados a procurar pela Faculdade de Educação alguma coisa para fazer música, madeira, pedra, qualquer coisa! Era um grande desafio, mas que no final, ao juntar com demais colegas formava sempre uma linda canção.

Mesmo me questionando porque todos os pedagogos em formação não escolham a disciplina para a sua grade, e notando que realmente há uma ausência de investimento nessa área durante a formação, vejo que a disciplina Fundamentos da Linguagem Musical

na Educação Infantil foi essencial para o desenvolvimento musical acontecer, primeiramente em mim, para depois ser compartilhada com os alunos. A professora sempre buscou reconhecer a riqueza musical que cada um de nós trazia as aulas e atividades não eram padronizadas, mas, sim, valorizando as experiências que realizávamos diariamente dentro e fora da Instituição, cada aula para mim teve um momento reflexivo e o incrível que esse momento de reflexão não era apenas entre os alunos, mas também em cada educador presente em sala. Em cada aula foi uma quebra de pensamento, inclusive o pensar que uma sala de aula só funciona com alunos quietos e em silêncio, eu me via livre em expressar meus pensamentos, livre até mesmo, para dançar e barulhar nas aulas e sim, aprendi! Enxergo-me como uma educadora musical hoje.

Considerações Finais e Perspectivas futuras

Cada experiência que tive desde o ano de 2014 ao de 2016 acrescentou positivamente na educadora que estou me tornando, cada observação e atividade foram um aprendizado e ainda permanecerei aprendendo.

Acredito que o ensino de música vai além do que ensinar e de como ensinar. A educação é um lindo caminho, cheio de acertos e erros, por isso a necessidade de haver reflexões que contribuam para a educação, principalmente neste momento que a educação musical precisa estar presente na educação básica. Somos seres humanos e falhamos, mas acredito que somos capazes em fazer melhor, capazes sim de pensar uma prática pedagógica que valorize as possibilidades e respeite a individualidade de cada aluno.

Faz-se necessário refletir em como o ensino de música tem sido pensado para crianças pequenas, refletir onde se quer chegar, pensar em qual modelo de educação musical queremos e sempre pensando no quanto será significativo aos alunos, olhar o ensino de forma mais humana, dar espaço e oportunidade de criação e imaginação, permitir que sejam ouvidos, que se sintam inclusos no processo de fazer música.

Na prática pedagógica é necessário que a criança seja vista como um ser completo, um indivíduo dotado de aspectos intelectuais afetivos e motores. Deve-se levar em conta o nível de desenvolvimento que as crianças estão. A prática pedagógica precisa promover relações entre a criança e o que ela vivência diariamente, deve ser pautada no fazer musical os quais as crianças possam perceber os sons que estão a sua volta e descobrir a organização deles.

Com minhas experiências, mesmo diante aos vários questionamentos sobre qual seria a prática adequada. Vejo que aprender com as crianças seja a mais adequada e escolhida por mim. Espera-se que este trabalho possa contribuir no sentido de que educadores musicais reflitam sobre sua prática, repensando-a de acordo com as necessidades de seu contexto.

A respeito das questões levantadas no início do trabalho podemos concluir que: poucas universidades oferecem ao pedagogo em formação orientações sobre a educação musical, entretanto, é possível observar várias pesquisas a respeito da educação musical, possível notar que algumas instituições estão buscando aperfeiçoamento, várias pessoas,

assim como eu, acreditam na educação e por acreditar sei que as dúvidas e reflexões não acabam aqui.

A música já está presente em toda rotina da criança, o que pode ser feito para melhorar a presença da “música pela música” nas escolas é com orientações de pedagogos que irão ministrar a disciplina, criação de salas de aulas adequadas, um número de alunos com que a professora consiga trabalhar, cabe ressaltar que há necessidade de reflexão aos pares da escola, o ensino de música é sim, importante e não pode e não precisa mais ser visto como aula de recurso ou distração das crianças.

Sobre minhas perspectivas futuras, permanecerei apaixonada pela educação, pretendo aplicar em minha vida profissional o que aprendi e aprenderei aqui. Sei que o aprendizado não acaba aqui, ainda tenho muito que aprender e com certeza será em sala de aula com as crianças.

Terminando minha graduação pretendo permanecer na UnB (de preferência) dando continuidade com a pós-graduação, quero dar continuidade ao meu ensino de música e violino e quero ser uma educadora musical. Tenho dentro de mim uma força que acredita nas crianças, não só para o futuro, mas, sim, para o hoje! Acredito nas crianças, acredito na educação. Permanecei acreditando no melhor.

Todo jardim começa com um sonho de amor. Antes que qualquer árvore seja plantada ou qualquer lago seja construído, é preciso que as árvores e os lagos tenham nascido dentro da alma.
Quem não tem jardins por dentro, não planta jardins por fora e nem passeia por eles...

Rubem Alves

REFERÊNCIAS

- ALVEZ, Rubem. *Gaiola ou Asas. A Arte do Voo ou a Busca da Alegria de Aprender*. Porto, Edições Asa, 2004.
- AMORIM, Roberto R. S. *BATUCADEIROS: Educação por meio da percussão corporal* /Roberto Ricardo Santos de Amorim, 2016, dissertação de mestrado. Faculdade de Educação, UnB.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Presidência da República, 2008.
- FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. *Educação musical e legislação educacional. Salto para o Futuro: Educação Musical Escolar*. Ano XXI, Boletim 08, p. 10-16, jun. 2011.
- HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana. *Educação musical escolar: uma investigação a partir das concepções e ações de três professoras de música*, 2002.
- HOLLER, Marcos. *O mito da música nas atividades da Companhia de Jesus no Brasil colonial*. Revista eletrônica de musicologia. 2007.
- HOLLER, Marcos. *Os jesuítas e a música no Brasil colonial*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2010.
- LINO, Dulcimarta. *Barulhar: a música das culturas infantis*. Revista da abem. 2010.
- LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. *O ensino de música na escola fundamental*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- MARTINEZ, Andréia. *“O que é, o que é?” Princípios Norteadores para uma prática educativa de atividade musical com crianças, dissertação de mestrado*. Brasília: Faculdade de Educação UnB. 2013.
- PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. *A Atividade Musical e a Consciência da Particularidade*. Tese de Doutorado - Universidade de Brasília, Brasília, 2009, 207p.
- SHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Unesp, 1991.
- TEIXEIRA, Maria Conceição Domingues; *A música e as crianças*. Uol,2016.
- TIMM, Marina Gomes: *O sentido educativo da música na educação infantil*, projeto de monografia: Faculdade de educação UnB, 2013.
- VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Ática, 2009.
- VIGOTSKI, Lev Semionovich. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.